

A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NOS CENTROS EDUCACIONAIS SOB A PERSPECTIVA DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS

Lidiane Eodoria Santos de Freitas¹
Edilane Eodora Santos de Freitas²
Anderson Francisco Vitorino³

Resumo: O artigo perpassa pelo processo de inclusão dos estudantes surdos nas escolas de educação básica do agreste alagoano. E tem como objetivo investigar sob a perspectiva do tradutor intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras), se as práticas pedagógicas utilizadas pelos centros educacionais, contribui para o desenvolvimento educacional do surdo. Com isso, pode-se perceber quais são os desdobramentos das técnicas e/ou práticas pedagógicas utilizadas pelos centros educacionais. A metodologia utilizada na pesquisa foi de ordem qualitativa, descritiva com a perspectiva de compreender o fenômeno estudado, por intermédio do procedimento estudo de caso. Os instrumentos metodológicos utilizados foram de observação e entrevista, realizados entre dezembro de 2018 a abril de 2019. Para esse estudo, foi utilizado como aporte teórico autores que dialogam a educação e práticas pedagógicas bilíngue (Libras/português), com vistas sobre particularidade da língua de sinais, e intérpretes de Libras, Kalatai e Streiechen (2019); Perlin e Strobel (2019). No tocante aos resultados, analisamos que há dificuldade de ensino e aprendizagem entre professor, estudante surdo e intérprete de Libras, que deve comprometer o desenvolvimento social, linguístico, cultural e aprendizado do surdo. A respeito do ambiente escolar, analisamos que a realidade vivida pelos mesmos deixa a desejar, a exemplo da necessidade de prática pedagógica visual e melhoria de diálogo entre professor de sala de aula regular, professor de (AEE) Atendimento Educacional Especializado, intérprete de Libras voltados para os surdos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Libras. Letramento. Estudantes surdos. Intérprete de Libras.

THE INCLUSION OF DEAF STUDENTS IN EDUCATIONAL CENTERS FROM THE PERSPECTIVE OF THE LIBRAS TRANSLATOR/INTERPRETER

Abstract: The article goes through the process of including two students from elementary schools in the backlands of Alagoas. The objective is to investigate the perspective of the interpreter of the Brazilian Sign Language (Libras), that the pedagogical practices used by teaching centers, contributed to the educational development of the South. Thus, it is possible to perceive that the technical and / or pedagogical practices used by teaching centers are fragmented. The methodology used in the research was of a qualitative, descriptive nature with the perspective of understanding or studied phenomenon, through the case study procedure. The methodological instruments used for observation and interviews, carried out

¹ Graduação em Química Licenciatura. Universidade Federal de Alagoas. E-mail: lidiane.eodoria@gmail.com

² Graduação em Letras Português/Francês. Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: edilaineodoria@gmail.com

³ Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Dndo em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Professor de Libras da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: andersonvitorino3@gmail.com

from December 2018 to April 2019. For this study, authors who dialogued on bilingual education and pedagogical practices (Libras / Portuguese), with a view on the particularity of language. signs and interpreters from Libras, Kalatai and Streiechen (2019); Perlin and Strobel (2019). In relation to the results, we analyzed the teaching and learning difficulties among the teacher, student and interpreter of Libras, which must compromise or the social, linguistic, cultural and learning development. With regard to the school environment, we analyzed that the same hairs remain to be discarded, for example, the need for visual pedagogical practice and dialogue between a regular classroom teacher, a Special Education Assistance (AEE) teacher, a Libras interpreter made for you deaf.

Key words: Inclusive education. Pounds. Literacy. Deaf students. Libras interpreter.

LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES SORDOS EN CENTROS EDUCATIVOS BAJO LA PERSPECTIVA DEL TRADUCTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS

Resumen: El artículo pasa por el proceso de inclusión de dos estudiantes de escuelas primarias en el interior de Alagoas. El objetivo es indagar en la perspectiva del intérprete de la Lengua de Signos Brasileña (Libras), que las prácticas pedagógicas utilizadas por los centros de enseñanza, contribuyeron al desarrollo educativo del Sur. De esta manera, es posible percibir que las prácticas técnicas y / o pedagógicas utilizados por los centros de enseñanza están fragmentados. La metodología utilizada en la investigación fue de carácter cualitativo, descriptivo con perspectiva de comprensión o fenómeno estudiado, mediante el procedimiento de estudio de caso. Los instrumentos metodológicos utilizados para la observación y las entrevistas, realizadas entre diciembre de 2018 y abril de 2019. Para este estudio, los autores que dialogaron sobre la educación bilingüe y las prácticas pedagógicas (Libras / Portugués), con miras a la particularidad del lenguaje. signos e intérpretes de Libras, Kalatai y Streiechen (2019); Perlin y Strobel (2019). En relación a los resultados, analizamos las dificultades de enseñanza y aprendizaje entre el docente, alumno e intérprete de Libras, que deben comprometer el desarrollo social, lingüístico, cultural y de aprendizaje. Con respecto al ambiente escolar, analizamos que quedan por descartar los mismos pelos, por ejemplo, la necesidad de práctica pedagógica visual y de diálogo entre un maestro de aula regular, un maestro de Asistencia a la Educación Especial (AEE), un intérprete de Libras hecho para ti sordo.

Palabras clave: Educación inclusiva. Libras. Literatura. Estudiantes sordos. Intérprete de Libras.

Introdução

O tema proposto a este artigo consiste em torno dos dados avaliados de uma pesquisa de campo realizada pelos discentes do curso de Letras – Língua Portuguesa (Licenciatura) da Universidade Federal de Alagoas – UFAL do campus Arapiraca, no decorrer da disciplina curricular obrigatória definido no Projeto Pedagógico do Curso – PPC, Língua Brasileira de

Sinais – LIBRAS, avaliando o processo de inclusão dos alunos surdos nas escolas de educação básica sob a perspectiva dos tradutores intérpretes de Libras.

A partir dos dados obtidos na pesquisa, através da entrevista realizada com os TILS, foram utilizadas bases de estudos literários para fundamentação deste estudo, livre da percepção dos docentes. A partir do questionamento de se e como ocorre a aprendizagem dos estudantes com surdez através das práticas pedagógicas utilizadas pelos centros educacionais?

Objetivo geral

Investigar sob a perspectiva do tradutor intérprete da Língua Brasileira de Sinais, se as práticas pedagógicas utilizadas pelos centros educacionais, contribui para o desenvolvimento educacional do surdo.

Objetivos específicos

- Identificar as estratégias utilizadas pelos centros educacionais de rede pública e privada de Arapiraca e municípios circunvizinhos, para incluir os surdos no ambiente educacional.
- Analisar a vivência do surdo e experiências dos TILS em sala de aula.

1 Contexto histórico da educação de surdos no Brasil

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 10,7 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, representando 5,1% da população no Brasil, sendo 1 milhão crianças e jovens de até 19 anos. No Artigo 2º da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, define a pessoa surda o indivíduo que possui perda de parte da audição, compreende e interage com o mundo por meio de expressões visuais, manifestando sua cultura pelo uso da Língua Brasileira de Sinais-Libras. Nem todas as pessoas que não oralizam se consideram surdas, estas podem se comunicar por leitura labial considerando-as deficiente auditivo, há outros indivíduos que se consideram surdos por não se considerar portadores de limitações, apenas fazem uso de outra língua- a Língua Brasileira de Sinais, estes compartilham experiências através da comunidade surda composta por profissionais da saúde, educação e familiares do surdo.

Comunidade Surda: [...] não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização. [...] geralmente em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros (PERLIN E STROBEL, 2006, p. 42-43).

O reconhecimento do indivíduo quanto surdo contribui para o fortalecimento deste processo de inserção na comunidade surda e representatividade na sociedade, dessa forma é indubitável que ocorra o processo de reconhecimento quanto ser social, uma vez que eram considerados incapazes de desempenhar quaisquer atividades, sendo a surdez relacionada a saúde mental, submetidos a terceiros a responsabilidade dos mesmos.

A inclusão educacional do surdo, perpassa por um contexto histórico marcado por lutas e conquistas desde o período monárquico, com a implantação do primeiro centro educacional voltado aos surdos. Com marco em 1857, a implantação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), utilizando princípios da Língua de Sinais Francesa (LSF), logo foi adaptada de acordo com a cultura do Brasil, para a Libras. Desse modo, os surdos foram alfabetizados e conquistaram sua identidade, possibilitando a comunicação e interação com outros indivíduos surdos e ouvintes.

Em 1880 Aconteceu um Congresso Internacional de Educadores Surdos em Milão na Itália e por meio de votação decidiram que a melhor forma de educar os surdos seria por meio da comunicação oral, proibindo o uso de sinais na comunicação e educação dos surdos. Apenas em 1980 à 1990 surge no Brasil a filosofia da educação permitindo que “ os surdos utilizem toda e qualquer forma de comunicação” (KALATAI e STREIECHEN, s/d, p.7). Foi através da Libras que houve o fortalecimento da comunidade surda, e conseqüentemente o reconhecimento da segunda língua oficial brasileira, Libras. A Língua Brasileira de Sinais é caracterizada por sinais e expressões visuais em que é reconhecida por profissionais da educação para surdos como uma forma alternativa para indivíduos que não oralizam, e não como uma segunda língua oficial do Brasil; segundo Skliar (1997), o oralismo é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística. O que dificulta o processo de desenvolvimento do indivíduo com surdez, uma vez que não se identifica como integrante da cultura surda, principalmente quando se trata de crianças e jovens em formação. Através da Libras há o fortalecimento da comunidade surda. A partir disso foi regulamentada a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 no Artigo 1º diz que:

Art. 1º- É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A legitimação da Libras como uma língua oficial ainda é pouco difundida na sociedade, especialmente nas escolas; no entanto, se configura a Libras como sendo uma língua comum a todos assumindo uma função de comunicação assim como a língua portuguesa, dessa forma é primordial o contato com a Língua de Sinais nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo a criança surda alfabetizada com sua primeira língua. Através da escola bilíngue com a abordagem de ambas as línguas portuguesa / Sinais será possível tal aproximação dos surdos e ouvintes da comunidade escolar.

A proposta bilíngue surgiu baseada nas reivindicações dos próprios surdos pelo direito à sua língua e pelas pesquisas linguísticas sobre a língua de sinais. Ela é considerada uma abordagem educacional que se propõe a tornar acessível à criança surda duas línguas no contexto escolar. De fato, estudos tem apontado que essa proposta é a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como natural e se baseia no conhecimento dela para o ensino da língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita. (...) Na adoção do bilinguismo deve-se optar pela apresentação simultaneamente das duas línguas (língua de sinais e língua da comunidade majoritária) (KALATAI E STREIECHEN [s/d] p. 08)

Uma escola bilíngue propicia a Libras como primeira língua (L1) e a língua portuguesa como sendo a segunda língua (L2) para a alfabetização de surdos sendo de suma importância na inclusão para que ocorra o desenvolvimento dos surdos [...] que tenha professores proficientes na língua de sinais, que permita a alfabetização na língua primeira e natural dos surdos (GESSER 2009, p.57). Dessa forma, a escola carece da presença de um tradutor interprete de Libras para viabilizar a comunicação de professores e alunos surdos e ouvintes consequentemente o acesso aos conteúdos curriculares na qual segundo Lacerda (2014, p. 14) [...] está ligado à tarefa de versar de uma língua para outra nas relações interpessoais, trabalhando na simultaneidade, no curto espaço de tempo entre o ato de enunciar e o ato de dar acesso ao outro àquilo que já foi enunciado

Através da língua nos constituímos plenamente como seres humanos, comunicamos com nossos semelhantes, construímos nossas identidades e subjetividades, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender o mundo que nos cerca e é nesse sentido que a linguagem ocupa um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores (GESSER, 2014, p.77).

Portanto, é de fundamental importância a perspectiva do tradutor Intérprete de Libras acerca das práticas pedagógicas para efetivar a inclusão dos surdos nas escolas; uma vez que, este profissional estabelece uma interação do aluno surdo com o professor em sala de aula, facilitando assim a comunicação entre ambos. E através do reconhecimento desta profissão, foi regulamentada a Lei nº 12.319, 1º de setembro de 2010; sendo mais uma conquista da comunidade surda.

Metodologia

A pesquisa pertinente às práticas pedagógicas direcionada aos alunos com surdez, ocorreu utilizando o método de ordem qualitativa, através do procedimento descritivo com a perspectiva de compreender o fenômeno estudado, uma vez que buscou analisar, compreender a realidade e experiências dos TILS e alunos com surdez dos centros educacionais da cidade de Arapiraca e municípios circunvizinhos, que segundo Blogdan e Biklen, (1994), pode ser melhor compreendida quando observadas em seu ambiente habitual, preocupando-se com o contexto, não somente com os resultados obtidos. Através do procedimento descritivo por intermédio do método estudo de caso.

Os instrumentos metodológicos utilizados foram divididos em dois momentos: o primeiro momento, foi de observação das práticas pedagógicas utilizadas em salas de aulas regulares, e como ocorre a inserção das crianças e jovens com surdez e o acolhimento nas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), e entrevistas com tradutores intérpretes de Libras, identificados pela sigla TILS e números subsequentes TILS1, TILS2, TILS3, TILS4 e TILS5; com o auxílio de um roteiro com perguntas pertinentes ao ensino aprendizagem dos alunos surdos. No segundo momento, foi feita uma análise dos dados obtidos; assim como diz Blogdan e Biklen (1994), o objetivo da pesquisa qualitativa é formar um conceito quando obtido os dados da pesquisa, sendo elas de forma indutiva, sem formar hipóteses prévias.

Estas etapas foram realizadas por cinco equipes formadas por graduandos do 4º período do curso de Letras – Língua Portuguesa (Licenciatura) da Universidade Federal de Alagoas – UFAL do campus Arapiraca, sendo estes responsáveis pelo mapeamento das escolas que continham alunos surdos devidamente matriculados, no período de dezembro de 2018 a abril de 2019 em cinco centros de educação básica de rede pública e privada na cidade de Arapiraca, Teotônio Vilela, Coruripe, Major Isidoro e Taquarana ambos municípios do Estado de Alagoas.

Resultados e discussão

Os dados analisados foram caracterizados em três categorias: 1. Formação dos TILS; 2. Comunicação entre TILS, professores dos alunos e alunos surdos; 3. Inclusão de surdos nas escolas.

Categoria 1: Formação dos Tradutores Intérpretes de Libras.

Participantes	Você participa de curso de capacitação na área de Libras?	Quanto anos de experiência em sala de aula?
TILS1	Geralmente sim. Mas não aqui em Arapiraca. Sempre fora. (Sic passim)	15 anos. (Sic passim)
TILS2	Sim. (Sic passim)	7 anos. (Sic passim)
TILS3	Sim. (Sic passim)	Em sala de aula tenho pouco mais de 1 ano de experiência (15 meses). (Sic passim)
TILS4	Sim, participo de curso de formação. (Sic passim)	Desde 2010 até os dias atuais. (Sic passim)

TILS5	No Centro de Atendimento às pessoas com Surdez (CAS) – Período 3. (Sic passim)	Nove, sendo os dois primeiros anos na Associação Pestalozzi e os demais nessa escola. (Sic passim)
-------	--	--

Fonte: Dados dos pesquisadores

Nesta categoria, os profissionais tradutores intérpretes que atuam na sala de aula regular e possuem formação na área da Língua de Sinais, participam de cursos de formação continuada. Como toda e qualquer língua, a Libras precisa ser atualizada com o advento de novos sinais e estruturas gramaticais, sendo esta profissão regulamentada para estabelecer comunicação entre as duas comunidades (surda e ouvinte).

[...] É importante que este intérprete tenha preparo para atuar no espaço educacional como educador, atento às dificuldades, mediando e favorecendo a construção dos conhecimentos. Não se trata de o IE (Intérprete Educacional) substituir o papel do professor (LACERDA, 2014, p. 34).

Em sala de aula regular com alunos surdos o papel do professor é tão importante quanto a do intérprete, garantindo assim que ocorra o conhecimento pedagógico.

Categoria 2: Comunicação dos TILS, professores dos alunos surdos e alunos surdos.

Participantes	Qual é a sua relação com surdos em sala de aula?	Você trabalha em parceria com o professor de sala de aula? Caso sim, de que forma?	Você trabalha em parceria com o professor de AEE? Caso (sim) de que forma?
TILS1	Professor – aluno, relacionamento amigável. (Sic passim)	Sim. Não com todos, mas os professores mais sensíveis às dificuldades dos surdos e poucos adaptam as provas. (Sic passim)	Aqui não tem professor de AEE esse ano. (Sic passim)
TILS2	Uma relação profissional de afeto e carinho (é necessário ao se trabalhar com crianças). (Sic passim)	Sim. Temos uma boa comunicação sobre conteúdos passados diariamente tendo acesso ao plano de aula. (Sic passim)	Sim mantendo boa comunicação sobre as crianças e/ou regresso. (Sic passim)
TILS3	Em sala de aula sou a intermediadora entre a comunicação dele com os professores e colegas. Converto o conteúdo passado pelo professor em português para a língua de sinais. E viabilizo formas de passar o conteúdo para o surdo por meio de desenhos e imagens quando ele não consegue entender a tradução, pois ele	Alguns professores me mandam o conteúdo com antecedência e me procuram para saber como melhorar sua aula e adapta-la a realidade do aluno surdo. (Sic passim)	O Atendimento Educacional Especializado é feito por mim mesma na sala do NAPNE em horários que variam conforme a minha disponibilidade e a do surdo. Como o curso é técnico são muito mais conteúdo a serem revistos e estudados. (Sic passim)

	tem apenas conhecimento básico na língua o que dificulta às vezes o processo aprendizagem. (Sic passim)		
TILS4	Tenho uma relação muito boa, harmoniosa, mantemos contatos constantemente. (Sic passim)	Sim, fazemos um planejamento juntos eu com a professora de sala regular para que, assim a aprendizagem do aluno com surdez seja mais atuante, para que assim a aprendizagem possa ocorrer de fato. (Sic passim)	Trabalho, pois sou eu mesma que atuo no AEE. (Sic passim)
TILS5	A relação é pouca, pois para se ter uma aproximação com eles é muito difícil, por causa de todas as experiências negativas que já tiveram. (Sic passim)	Sim. Com visitas nas salas de aula; ofertando formações e tirando dúvidas. Porém não há retorno dos professores, eles não se interessam na aprendizagem desses alunos. (Sic passim)	Eu na verdade sou professora de atendimento especializado, então... (Sic passim)

Fonte: Dados dos pesquisadores

Há dificuldades de ensino e aprendizagem entre professor, estudante surdo e intérprete de Libras, que deve comprometer o desenvolvimento social, linguístico, cultural e aprendizado do surdo. Pôde-se observar que a realidade vivida pelos mesmos deixa muito a desejar, à exemplo da necessidade de prática pedagógica visual e melhoria de diálogo entre professor de sala de aula regular, professor de (AEE) Atendimento Educacional Especializado, intérprete de Libras voltadas para os surdos.

[...] A comunicação e interação com o outro são fundamentais para o processo de desenvolvimento intelectual, cognitivo e linguístico. Portanto a comunicação e a interação com o outro em língua de sinais são fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo (LACERDA E SANTOS, 2013, p.54).

Outra dificuldade mencionada pelos intérpretes, é a carência de profissional da língua de sinais em sala de aula e salas especializadas. Em todas as escolas visitadas havia somente um intérprete para atender várias turmas não sendo o suficiente para acolher todos os alunos surdos, o que dificulta ainda mais por se tratar de turmas diferentes, além de algumas escolas possuírem salas especializadas, mas não possuem intérpretes.

Categoria 3: Inclusão de surdos nas escolas.

Participantes	Você acha que a sua escola está preparada para receber alunos surdos? Por quê?	Na sua opinião com essa proposta de Inclusão trabalhada na Escola, os alunos surdos conseguem aprender os
----------------------	---	--

		conteúdos transmitidos em sala de aula?
TILS1	Não. Falta formação para os professores que recebem esses alunos. (Sic passim)	Não. Ainda seria necessário sala e escola bilíngue. (Sic passim)
TILS2	Acredito que sim, no entanto tem muito a se melhorar. (Sic passim)	Sim principalmente se for cumprido na integra essa proposta, pois a interpretação e tradução em sala melhora de forma significativa, não só no seu progresso pedagógico como também no social, melhorado a comunicação dentro da instituição como fora dela. (Sic passim)
TILS3	Não, mas acredito estar no caminho. A escola apresenta um Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) que viabiliza ações para promover a inclusão destes e de outros alunos, porém, como só recentemente foi matriculado um aluno surdo as ações ainda estão em construção e o aprendizado vem sendo contínuo e diário. Quando afirmo acreditar que a escola está no caminho faço uma comparação com minha última experiência, uma escola municipal do interior do estado. Lá a realidade era bem diferente. Aqui no IFAL o surdo é visto como aluno, como alguém capaz de alcançar todo e qualquer objetivo que quiser. Ele recebe acompanhamento diário comigo onde estudamos o conteúdo ministrado pelos professores e a LIBRAS. Cada professor me procura semanalmente para saber se ele está entendendo, se a fala está muito rápida, se os slides são claros, se a prova é adequada para ele. Há sempre uma troca de informações entre docentes, intérprete, coordenação e direção e todos se interessam em saber como ele vem acompanhando não para atingir uma meta (aumentar o IDEB, por exemplo), mas para garantir que o aluno tenha acesso a tudo sem ser negligenciado. Diferentemente, em minha experiência anterior o surdo era visto como o "mudinho" que não sabia ler, não sabia falar com ninguém e não conseguiria chegar ao mesmo patamar dos demais alunos. É interessante	Sim, o coeficiente de rendimento do surdo tem melhorado bastante depois dos acompanhamentos depois das aulas, de modo que suas notas hoje estão entre as maiores da sala. No entanto para conseguir isso ele fica pelo menos 3 vezes na semana comigo, geralmente a noite (o surdo estuda no IFAL no período vespertino de 13 às 18:20, e faz um curso profissionalizante pelo SEBRAI pela manhã, por isso o horário que lhe sobra para estudar e rever os conteúdos é o de 18:30 às 22h), o que tem se mostrado bastante cansativo para ambos, principalmente por que no momento só há uma intérprete no campus, que sou eu. (Sic passim)

	destacar que na referida escola o intérprete não era visto e a profissão não era reconhecida. Era só alguém que conseguia falar com ele, que dependendo do momento deveria atuar como professor substituto, um reforço, para garantir que aquele aluno tirasse boas notas e passasse de ano. A escola em si não estava interessada em LIBRAS, em aprender ou conhecer, exceto por raras exceções. No IFAL as formas de avaliação diferenciadas vêm sendo estudadas e o PEI está em fase de implantação. Mas o processo, como já mencionei, é progressivo e demorado. Ainda falta bastante para poder classificá-la como “preparada” para atender a este público, mas acredito que em breve estará. (Sic passim)	
TILS4	Não, a escola infelizmente não está preparada como deveria realmente, pois não possui intérprete que possa auxiliar o aluno com surdez em sala regular. Pois o único acompanhamento que o surdo tem é no AEE. (Sic passim)	Sim, basta que o educador seja pesquisador, procurando trabalhar de forma diferenciada com metodologia que possa atender a necessidade do aluno com surdez. (Sic passim)
TILS5	Não. Porque do porteiro ao diretor, ninguém sabe falar o mínimo em LIBRAS, nem ao menos um bom dia, para bem recepciona-los e acolhe-los. (Sic passim)	A inclusão dos alunos surdos é um processo demorado e difícil. Contudo será possível se o professor prestar maior atenção a esses alunos, porque eles têm a capacidade de aprender qualquer assunto, porém os professores não o observam como um aluno normal e o excluem. (Sic passim)

Fonte: Dados dos pesquisadores

A respeito do ambiente escolar, observamos que os participantes da pesquisa informaram que a escola não estava preparada para incluir estudantes surdos. Dessa forma, é imprescindível, de acordo com Machado (2008, p. 78) apud KALATAI E STREIECHEN [s/d] p. 11): Visualizar uma escola plural, em que todos que a integram tenham a “possibilidade de libertação”, é pensar uma nova estrutura. Para tanto, é necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e logo passe a tratar os sujeitos como cidadãos produtores e produtos de uma cultura [...] pouco adianta a presença de surdos se a escola ignora sua condição histórica, cultural e social.

A escola precisa ser capacitada com materiais didáticos inclusivos, intérpretes para cada sala de aula, a Libras como disciplina obrigatória desde os anos iniciais, apoio a formação de professores, salas de educação especializadas na prática e não somente na constituição. Assim, a surdez deixará de ser vista como uma incapacidade intelectual, mas sim uma capacidade de comunicação de duas línguas oficiais Brasileiras (Língua Portuguesa e de Sinais).

O material didático adaptado é um recurso indispensável quando se trata da inclusão, pois, sendo os surdos indivíduos visuais há essa necessidade do uso de imagens para facilitar a compreensão, não só dos surdos quanto os demais alunos. Há também, a necessidade de o professor possuir o conhecimento da Libras em sala de aula, pois mesmo não sendo uma língua obrigatória entre professores, haveria comunicação com os surdos e se sentiriam acolhidos na sala de aula estabelecendo uma relação.

Considerações finais

No que tange aos resultados, foi possível observar que de acordo com as entrevistas realizadas com os TILS, há muitas dificuldades nos centros educacionais, tanto de rede pública quanto privada; desde os recursos básicos para a inclusão dos estudantes surdos, capacitação de professores da educação básica na língua de sinais, sobrecarga de intérpretes e principalmente o devido apoio e métodos que contribuam com uma educação de qualidade aos alunos com surdez.

Não foi possível perceber quantidades significativas de pessoas surdas nas instituições de educação básica, tampouco ensino superior, o que ocasiona um déficit muito grande no desenvolvimento dos mesmos, principalmente por falta de referência. Quando se tem representatividade nos ambientes onde passam a maior parte do tempo ocasiona desestímulo; sobretudo, sentimento de inferioridade.

A proposta deste trabalho, através das pesquisas com a vivência dos intérpretes da Língua Brasileira de Sinais em sala de aula, é saber como ocorre o processo de inclusão dos alunos surdos nas salas de aulas regulares. E foi de fundamental importância não só para abranger a perspectiva dos discentes que estiveram presentes realizando as entrevistas em contato com o objeto estudado, como para a comunidade surda, pois proporciona mesmo que de forma lenta, a visão de que um passo está sendo dado ao falar a respeito.

Referências

BOGDAN, C. Roberto;BIKLEN, K. Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto editora LDA, 1994.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e dá outras providências.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

KALATAI, P; STREIECHEN. E, M. **As principais metodologias utilizadas na educação dos Surdos no Brasil**. [s.d]. Disponível em <http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>. Acesso em 26 de jun. de 2019. P. 15.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeane Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

Ministério de estado da educação, São Paulo, out. 2010. Disponível em: <PORTARIA NORMATIVA MEC 20/2010 – DOU: 08.10.2010(LIBRAS) >. Acesso em 26 jun. 2019.

Ministério de estado da educação, São Paulo, set. 2010. Disponível em: <LEI Nº 12.319, DE 1º DE SETEMBRO DE 2010>. Acesso em 26 jun. 2019.

PERLIN, G; Strobel, K. **Fundamentos da educação de surdos**. (2006). Disponível em http://libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentoc_Surdos.pdf. Acesso em 26 de jun. de 2019. 166 p.

